

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Dominique Oriana Fontana da Silveira

**VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DOS  
DISCURSOS DE ÓDIO MISÓGINOS**

Santa Maria, RS, Brasil  
2023

**Dominique Oriana Fontana da Silveira**

**VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DOS  
DISCURSOS DE ÓDIO MISÓGINOS**

Artigo científico apresentado à disciplina de Elaboração de Monografia, do Curso de Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Orientadora: Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Santa Maria, RS, Brasil  
2023

## RESUMO

### **VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DOS DISCURSOS DE ÓDIO MISÓGINOS**

**AUTORA:** Dominique Oriana Fontana da Silveira

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

As reconfigurações propostas pela sociedade em rede apresentaram nos tempos recentes grandes avanços tecnológicos e comunicacionais. Ao mesmo tempo que apresenta esse novo espaço mais democrático, fluido e que permite o crescimento e alavancamento de pautas sociais de grupos minorizados, houve o crescimento perceptível de discursos de ódio. Muitos grupos se valem desse instrumento como forma de organização com o fim de propagar discursos violentos, discriminatórios e excludentes através de diversos sites, redes sociais e fóruns. Quando se trata de mulheres, os discursos de ódio misóginos apresentam uma onda crescente, principalmente em relação aos grupos atuais de desprezo às mulheres. A reflexão aqui proposta se constrói em torno dos casos das humoristas Lívia la Gatto e Cláudia Campolina, que foram alvo de ataques misóginos ao ironizar o discurso e comportamento do grupo RedPill e sofrem retaliação por parte dos seus integrantes. Para que esse artigo fosse possível, optou-se pelo método de abordagem dedutivo, o método de procedimento é o método monográfico e bibliográfico. Como resultados, percebeu-se que o patriarcado construiu ao longo do tempo, uma história de opressão e discriminação contra as mulheres, de forma que a emancipação feminina é tida como ameaçadora à sua ordem. A misoginia é a expressão violenta da crença da superioridade dos homens em relação às mulheres, justificando a supressão de direitos e manifestações odiosas contra esse grupo vulnerável. Com isso, o mundo *online* é entendido como espaço análogo ao mundo *offline*, ou seja, espaço onde os homens irão reafirmar sua pretensa dominação sobre as mulheres, através da disseminação do patriarcalismo e da reafirmação da masculinidade e virilidade.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio. Misoginia. Internet.

## **ABSTRACT**

### **VIOLENCE AGAINST WOMEN ON THE INTERNET FROM THE PERSPECTIVE OF MISOGYNIST HATE SPEECHES**

**AUTHOR:** Dominique Oriana Fontana da Silveira

**SUPERVISOR:** Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

The reconfigurations proposed by the network society have in recent times presented great technological and communicational advances. At the same time that it presents this new, more democratic and fluid space that allows for the growth and leverage of social agendas of minority groups, there was a noticeable growth in hate speech. Many groups use this instrument as a form of organization in order to propagate violent, discriminatory and excluding discourses through various websites, social networks and forums. When it comes to women, misogynistic hate speech is on the rise, particularly in relation to current groups that despise women. The reflection proposed here is built around the cases of comedians Lívia la Gatto and Cláudia Campolina, who were the target of misogynistic attacks by mocking the speech and behavior of the RedPill group and suffer retaliation by its members. To make this article possible, the deductive method of approach was chosen, the method of procedure is the monographic and bibliographic method. As a result, it was noticed that patriarchy built over time, a history of oppression and discrimination against women, so that female emancipation is seen as threatening to its order. Misogyny is the violent expression of the belief in the superiority of men over women, justifying the suppression of rights and hateful manifestations against this vulnerable group. With this, the online world is understood as a space analogous to the offline world, that is, a space where men will reaffirm their alleged domination over women, through the dissemination of patriarchy and the reaffirmation of masculinity and virility.

**Keywords:** Hate speech. Misogyny. Internet.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1:** Postagem da humorista Livia la Gatto denunciando os fatos ocorridos 16

**Figura 2:** Postagem da humorista Cláudia Campolina invertendo o discurso opressor 17

## INTRODUÇÃO

A *Internet* é vista como um espaço de interação social, participação pública nas discussões e democratização do acesso à informação. Participar da vida *online* passa a ser uma expressão de visibilidade e exercício de cidadania, pois atualmente não há como separar a vida *online* da vida *offline*, ambas estão intrinsecamente ligadas e se interrelacionam. Isso ocorre porque as tecnologias são essencialmente patriarcais e refletem a dominação estrutural masculina sobre as mulheres.

Com a *Internet*, muitas mulheres usam desse recurso como forma de protagonizar suas próprias histórias e dar exemplos de emancipação, passando a ocupar esses espaços representativos de um monopólio masculino. Tal fato passou a ser condenado por masculinistas que encaram essa maior participação nas redes como sujeita a ser repreendida, o que leva à ocorrência de violências, como é o caso de discursos de ódio misóginos.

Um exemplo disso é o caso das humoristas Livia La Gatto e Cláudia Campolina, que usam de suas redes sociais para dar voz ao seu trabalho humorístico, que através de vídeos que ironizaram grupos expressivamente misóginos, sofreram ataques que as desqualificaram como mulheres e contestaram a ocupação de um lugar expressivo no mundo digital. Assim, está devidamente fundamentada a necessidade de discussão e apresentação desta pesquisa, que se mostra relevante tendo em vista os presentes casos que expõem ao público a ocorrência de discursos de ódio misóginos na *Internet*.

Nesse contexto, o trabalho é guiado para responder ao seguinte problema de pesquisa: A partir da análise dos casos de Livia la Gatto e Claudia Campolina, de que maneira o uso da *Internet* e das redes sociais se constitui como um espaço de emancipação feminina e de reprodução de violência de gênero? Para que o objetivo seja alcançado, elegeu-se o método de abordagem dedutivo, pois parte-se de um estudo geral das relações sociais e patriarcado para, então, adentrar na questão específica de discursos de ódio misóginos e os casos. Quanto ao método de procedimento foi empregado o método monográfico e bibliográfico, já que se pretende ancorar no aporte teórico o estudo discursos de ódio misóginos com as humoristas supramencionadas e considerá-los representativos de muitos outros.

O presente artigo científico está dividido em três partes. A primeira apresenta uma discussão a respeito do patriarcado, machismo e misoginia e como esses

institutos se desenvolvem socialmente. A segunda parte reflete a *Internet* um local patriarcal que favorece a expressão e disseminação da misoginia, inclusive através dos discursos de ódio. A terceira parte discute o caso da Livia La Gatto e da Cláudia Campolina para que se possa entender os ataques de ódio misóginos e a violência sofridos por elas.

## **1 AS RELAÇÕES SOCIAIS E O PATRIARCADO: INTERSECÇÕES IMPORTANTES**

O patriarcado é “a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (Lerner, 2019, p.290). Isso leva à crença de que o poder deve ser manejado por homens porque a eles pertence. Quando se fala de patriarcado, fala-se da dominação masculina e da opressão feminina que se tornou base das relações da sociedade há muito tempo. Com isso, o patriarcado concentra o poder na figura masculina e isso acaba gerando consequências sobre todas as esferas sociais e é a responsável por colocar a mulher em posição de subalternidade em relação ao homem, aceita como socialmente adequado o tratamento da mulher como mero objeto (Oliveira; Silva, 2021). Por outro lado, Mary Pimentel Drumond (1980) descreve o machismo como o sistema de reproduções simbólicas, que mistifica a relação de dominação e de sujeição entre homens e mulheres, com base em argumentos relativos ao sexo. Assim, ser machista corresponde à adoção de comportamentos e práticas sociais que demonstram a incorporação do patriarcalismo na sociedade.

Para Heleieth Saffioti (2015, p.37) as mulheres foram socializadas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas às mulheres. Por isso nem sempre questionam ideologias dominantes de gênero e sua inferioridade social, podendo elas próprias, além dos homens, serem reprodutoras do sistema patriarcal e machismo cotidiano. Isso se torna possível a partir da compreensão de que os engendramentos opressores de gênero se tornam tão arraigados na sociedade, que a sua assimilação e reprodução passa a ser feita de modo automático pelas pessoas.

As violências contra as mulheres, portanto, se baseia nas relações de poder assimétricas entre homens e mulheres, e o patriarcado, construído historicamente e articulado estruturalmente através de condutas e discursos, busca reafirmar

constantemente a sua superioridade sobre as mulheres, fazendo do espaço *online* uma extensão da sociedade.

Tendo em vista isso, a *Internet* precisa ser vista como essencialmente patriarcal. Judy Wajcman (2006) explica que a tecnologia e a sociedade são intimamente unidas e a troca entre ambas é recíproca, bem como desde as origens das tecnologias, a sua própria definição está forjada em atividades masculinas, colocando-a como adequada aos perfis masculinos, que conformam a criação e utilização tecnológica como projetos que refletem a dominação masculina e asseguram um monopólio de homens sobre elas.

Vale ressaltar que a compreensão sobre o conceito de gênero é extremamente relevante nesta discussão, visto que as construções de diferenças biológicas entre os sexos são um dos recursos argumentativos utilizados frequentemente para tentar justificar a inferioridade feminina, naturalizar a discriminação e legitimar violências contra as mulheres. Joan Scott (1995, p.75) afirma que o termo gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos e seu uso rejeita qualquer explicação biológica, como por exemplo aquelas que encontram um denominador comum, pelas diversas formas de subordinação feminina, por isso deve ser usado como forma de indicar “construções culturais”.

Ainda a respeito da dicotomia sexual, Saffioti (2009, p.123) refere que o psicanalista Robert Stoller tratou de argumentar sobre modelo de identidade de gênero para distinguir entre natureza e cultura, sendo assim o sexo estaria atrelado à biologia, enquanto o gênero estaria relacionado com a cultura. Por isso, conforme o corpo no momento do nascimento, há a classificação de acordo com os órgãos genitais, mas o conceito de homem e mulher depende de aprendizados culturais, que variam segundo o momento, lugar e classe social. Nesse mesmo sentido, Adriana Piscitelli (2009, p.118) argumenta que:

Toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamentos diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce, algo supostamente “natural”, decorrente das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas.

Por isso, a partir do momento em que há uma “naturalização” do que se entende como homens e mulheres e a sociedade – por parte dos indivíduos e das



instituições – passa a cobrar o atendimento a esses comportamentos esperados. Se tradicionalmente as mulheres são recatadas, silenciadas e domesticadas, qualquer comportamento subversivo é entendido como passível de ser repreendido. Isso pode se dar através das mais diversas formas de violências, o que pode levar à ocorrência de discursos de ódio misóginos quando isso for percebido na *Internet*.

Tradicionalmente, o universalmente aceito é o homem, branco, cis, hétero e cristão e todo aquele que diverge dessa estrutura hegemônica é negado e silenciado. Por isso quando se fala em “pessoas” só os homens podem ser assim entendidos, bem como não existe outro gênero senão o feminino, já que o masculino não é visto como um gênero e sim como o geral (Butler, 2018, p.38).

Silvia Federici (2019) ao refletir sobre a “caça às bruxas”, para se referir à guerra contra as mulheres situada na transição do feudalismo para o sistema capitalista, afirma que as mulheres tiveram maior probabilidade de ser vitimizadas porque foram as mais destituídas de poder e que se rebelaram contra a pauperização social e a exclusão social. Atualmente, a violência contra as mulheres cresceu em todas as partes do mundo e observou-se uma morte em massa de mulheres, antes só observadas em tempos de guerra, mas hoje cunhou-se o termo feminicídio para retratá-la. E encerra dizendo (2019, p.):

Apontar e perseguir as mulheres como “bruxas” preparou o terreno para o confinamento das europeias no trabalho doméstico não remunerado. Isso legitimou sua subordinação aos homens, dentro e fora da família. Deu ao Estado controle sobre sua capacidade reprodutiva, garantindo a criação de novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, as caças às bruxas estruturam uma ordem especificamente capitalista, patriarcal, que continua até hoje, embora tenha se ajustado constantemente em resposta à resistência das mulheres e às necessidades sempre em transformação do mercado de trabalho.

Assim, percebe-se que esses discursos odientos de depreciação e violência contra as mulheres é uma mobilização contra a desestabilização causada pela conquista de espaços e direitos a partir dos feminismos e tentam restaurar as mulheres ao seu lugar de passividade e domesticidade. Esse sentimento de enclausuramento de mulheres na esfera privada e sob o domínio da sociedade patriarcal, longe da vida pública, é responsável pelo sentimento de posse imposto sobre as mulheres e é responsável pelas violências infligidas contra elas através do machismo e da misoginia.

Como resposta a essa estruturação ofensiva patriarcal ao longo dos anos, é possível pensar no desenvolvimento de movimentos sociais feministas que buscavam a libertação das mulheres e a reestruturação da sociedade que possibilita essa opressão constante. É possível distinguir momentos dentro do movimento feminista. O primeiro é “centramento”, onde há o movimento fundacional que procurou definir e delimitar o feminismo em relação ao seu ‘exterior constitutivo’, sendo que, no final dos anos 70, algumas militantes já propunham reflexões sobre a subordinação feminina, o feminismo e a relação com o racismo. O segundo é o “descentamento” e foi marcado pela descentralização da discussão, pluralização do gênero e popularização do tema, mas também marcado pelo rompimento do feminismo negro com as feministas brancas. O terceiro corresponde ao *sidestreaming*, e tem-se a multiplicação de campos feministas que surgiram e vêm surgindo até os dias de hoje, dizendo respeito a um fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil (Sonia Alvarez, 2014).

Marlise Matos (2014) faz ressalva que o movimento responsável pelo “*feminist sidestreaming*” e de colocação do feminismo na agenda de maior necessidade de representação política, especialmente a partir dos anos 90, pode ser entendido como um campo onde estão presentes forças plurais de mulheres que vão às ruas e constroem outros espaços para autorreflexão. E afirma que elas passaram a ocupar novos lugares de interação (2014, p. 10):

Essas atrizes conformaram uma rede de atuação que, há muito, extrapolou a forma de organização meramente nacional, construindo-se assim as bases de interações que estão se dando no ciberespaço e através de outros meios recentes globais de comunicação de massa e tecnologia.

Sônia Alvarez refere sobre o campo discursivo de ação e os conceitua como além de “meros aglomerados de organizações voltadas para uma determinada problemática; eles abarcam uma vasta gama de atoras/es individuais e coletivos e de lugares sociais, culturais e políticos” (ALVAREZ, 2014, p.18). Por isso, é possível afirmar que os campos discursivos se relacionam com os feminismos através de movimentações plurais diversos e é devido a esse fato que há o uso da *Internet* e das redes sociais para comunicação que popularizam as diversidades dos feminismos.

Assim, percebe-se que com a globalização e a popularização do ciberespaço e, então, das redes sociais mais atualmente, as mulheres passaram a ressignificar esses lugares como forma de participação popular, resistência e protagonismo feminino.

No entanto, ao mesmo tempo em que se desenvolviam e se fortaleciam os feminismos em diversos lugares e, com este, os seus temas intrincados, como é o caso dos estudos de gênero, é possível perceber uma contraofensiva. A partir do amadurecimento dos estudos feministas e com a chegada da discussão até locais de formação legislativa e ideológica (como é o caso da Conferência Mundial de Beijing sobre a Mulher, organizada pelas Nações Unidas, em 1995, responsável por elaborar um pensamento da mulher a partir do conceito de gênero), a Igreja Católica participou ativamente da disseminação de uma perseguição à “ideologia de gênero” (Milkolci e Campana, 2017). Conceito esse estrategicamente forjado como discurso liderado pelas autoridades eclesiásticas contra a propagação de pautas progressistas e feministas nos Estados que iam de encontro aos ideais católicos de gênero e sexualidade.

Segundo estes mesmos autores, essa “guerra” contra a “ideologia de gênero” é sustentada pela resistência contra uma parcela da população e de alguns setores e instituições que avançam em questão de direitos sexuais e reprodutivos, como a descriminalização do aborto, união de pessoas do mesmo sexo e educação sexual nas escolas, bastante associados aos governos de esquerda da América Latina. Ainda mencionam que é inegável a ligação intrínseca entre a Igreja Católica e a ascensão de governos de extrema direita, como é o caso do Brasil, em que apoiou abertamente o fim da democracia e o retorno da ditadura militar.

No Brasil, o governo de extrema direita de Jair Messias Bolsonaro, iniciado em 1º de janeiro de 2019, concretizou ideias conservadoras e de ataque às minorias. Quando candidato se declarou abertamente conservador, cristão e defensor dos interesses da pátria e da família e embasou sua campanha e futuro governo, de maneira a combater a “ideologia de gênero”. Em entrevistas declarou sua “guerra” à “ideologia de gênero”<sup>1</sup> e classificou como “inadmissível” e “inaceitável a inclusão da

---

<sup>1</sup> DIADORIM. ‘Ideologia de gênero’: como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. **Carta Capital**, 29 set. 2022. Acesso em: 09 ago. 2023.

“ideologia de gênero”<sup>2</sup> nas escolas e defendeu a criação de uma lei contra a “ideologia de gênero”<sup>3</sup>.

Um reflexo direto dessa ascensão intolerante são os discursos odiosos que ocorrerem corriqueiramente. É o caso, por exemplo, do crescente fortalecimento de pesquisas e políticas públicas na temática de gênero que encontram uma reação conservadora na mudança de governo presidencial com uma leitura às avessas de ameaça às famílias, às crianças e à sociedade (Balieiro, 2017). No entanto, há “gatilhos” sociais que fazem com que haja um aumento em sua ocorrência. Nas eleições de 2018, por exemplo, marcada especialmente pela disputa informacional *online* das *fake news*, houve a ocorrência recorrente de mensagens enganosas cujo papel era intencionalmente ludibriar os eleitores, abalar a reputação dos rivais e problematizar propostas. Mas, para além disso, causou danos especialmente nos eleitores que encaravam as redes sociais como meio informacional e acabam replicando informações enganosas e endossando discussões planejadas para criar tensões, tornando ainda mais pessoal uma disputa que deveria ficar no campo eleitoral. A respeito disso, Azevedo e Lima relatam (2020, p.4):

Nas relações sociais, os conteúdos enganosos em formato de *fake news* também são produzidos e difundidos em grande escala para incentivar o discurso de ódio materializado em preconceito e discriminação, especialmente, contra as diferenças e as minorias.

Para monitorar este cenário, a Safernet (2022) analisou o crescimento de discursos odiosos em épocas eleitorais e concluiu, segundo os indicadores da Central de Denúncias, que nos últimos anos de eleições houve um campo fértil para o discurso de ódio nessas datas.

Como resposta a isso, a plataforma informou que em 2018 - ano eleitoral - a misoginia, xenofobia e neonazismo tiveram os maiores percentuais de crescimento. Em 2020, racismo e xenofobia quase que dobraram em número de denúncias em relação a 2019, e o neonazismo cresceu 740,7% nesse mesmo período comparativo. Já em 2022, a intolerância religiosa, xenofobia e neonazismo foram

---

<sup>2</sup> SOARES, Ingrid. Bolsonaro sobre ideologia de gênero nas escolas: "Não admitimos". **Correio Braziliense**, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/03/4997042-bolsonaro-sobre-ideologia-de-genero-nas-escolas-nao-admitimos.html>. Acesso em: 09 ago. 2023.

<sup>3</sup> DESIDERI, Leonardo. Bolsonaro quer lei contra ideologia de gênero. E não é o único. Veja como está a batalha no Congresso. **Gazeta do Povo**, 17 mai. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ideologia-de-genero-lei-bolsonaro-congresso/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

campeões em crescimento (Safernet, 2022). Embora os outros tipos de discriminação e preconceitos não tenham sido “campeões” em números de denúncias, não significa dizer que deixaram de ocorrer. A mesma plataforma (2022) afirmou que as denúncias de crimes envolvendo o discurso de ódio na *Internet* recebidas pela Central Nacional de Denúncias (CND) da própria plataforma tiveram em 2022 um crescimento de 67,7% em relação a 2021.

## **2 O DISCURSO DE ÓDIO MISÓGINO: EXPRESSÃO DA DOMINÂNCIA E DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES**

Com a *Internet* e a sociedade em rede, as relações humanas tornaram-se mais próximas e mais complexas. Manuel Castells (2015, p.39) fala que o uso da *Internet* “empodera pessoas, aumentando a sensação de segurança, liberdade pessoal e influência, todas elas percepções que têm um efeito positivo na felicidade e no bem-estar pessoal”. Têmis Limberger (2012, p. 277), nesse mesmo sentido, exalta a positividade da *Internet*, mas alerta que pode levar a experiência positivas e negativas, pois é conduzida pelos seres humanos.

Nesse sentido, Pierre Lévy (1999) afirma que o crescimento do ciberespaço é resultado de dois fatores. O primeiro é um movimento internacional de jovens que desejam experimentar coletivamente a nova forma de comunicação proposta pela *Internet*. A segunda é o fato de haver uma abertura de um novo espaço de comunicação.

Nessa discussão vale lembrar que esse movimento causou uma invisibilização das barreiras geográficas e culturais, diminuindo quase à inexistência a dificuldade ou demora comunicacional, ou seja, a *Internet* facilita os movimentos de interação social. No entanto, Renato Veloso (2011) ressalta que neste mesmo cenário pode haver o aprofundamento das desigualdades sociais, pois pode ser um reforço de práticas excludentes e concentradoras de poder e riqueza.

O uso da “*Internet* e das redes sociais digitais está contribuindo para a formação de perfis de atuação política, econômica, social, cultural, marcados pela intolerância e pelo radicalismo” (Ferreira; Quadrado, 2020, p. 420). É nesta dinâmica que os discursos de ódio encontram campo fértil para serem disseminados e popularizados enquanto violência mirando nas minorias.

O discurso de ódio está relacionado com toda e qualquer manifestação que “tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude da sua raça, cor,

etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (Brugger, 2007, p.118). Ou seja, trata-se da hostilização de um grupo social socialmente discriminado e que experienciam opressão geracional (Burnette; Figlet, 2017).

Além disso, não reproduzem somente estereótipos, vão além disso e ameaçam, incitam violência, zombam e disseminam intencionalmente mensagens de discriminação, ódio e desprezo e essas pessoas vitimizadas pelos discursos odiosos são atingidas pelo que são, e não pelo que pensam (Sponholz, 2020, p.223) e caso deseje se proteger desse tipo de violência, deve renunciar às características de sua identidade social (Meyer-Pflug, 2009). É interessante pontuar que, para que o discurso de ódio exista necessita da presença de dois elementos: a discriminação e a externalidade. Ou seja, necessita da transposição de ideias do plano mental para o fático e, ainda, deve manifestar desprezo por um determinado grupo de pessoas que compartilha da mesma característica, afetando, por conseguinte, a dignidade humana dessas pessoas, provocando a chamada vitimização difusa, pois mesmo que apenas uma pessoa tenha sido diretamente prejudicada, o grupo de pessoas compartilhará da situação de violação (Silva; Nichel; Martins; Borchardt, 2011, p.447).

Sabe-se que cada vez mais, as pessoas utilizam das redes sociais e da facilidade comunicacional proporcionada pelas plataformas para compartilhar ódio e encontrar respaldo *online* para seus pensamentos e falas discriminatórias. O que, por muitas vezes, pode levar à formação de comunidades ou grupos que se organizam e se encontram nas redes para estruturar e propagar discursos de ódio.

Os algoritmos têm especial função e participação nesse acontecimento. Isso se deve ao fato que favorecem a ocorrência das *filter bubbles*. Pariser (2011), sobre esse tema, argumenta que os algoritmos devem customizar a experiência *online* dos usuários com as informações prévias apresentadas por eles. Com isso, a depender das preferências pessoais de cada pessoa, tudo o que for relacionado e demonstrar certa similitude será recomendado, e o diverso ocultado, causando a sensação de isolamento, não enfrentamento e desestímulo ao diálogo com um ponto de vista diferente ou com o contraditório.

Os números crescentes de denúncias envolvendo discursos de ódio, indicam que, cada vez mais, com a *Internet*, popularização das redes sociais e da migração das pessoas para as plataformas comunicacionais, os discursos de ódio encontram

campo fértil para se espalharem e se tornarem visíveis, ganhando cada vez mais adeptos.

Quando se fala em discurso de ódios misóginos, mais especificamente, precisa-se reconhecer que a *Internet* é fruto do conhecimento e dominação patriarcal (Wajcman, 2006), conforme já afirmado anteriormente. Ou seja, as relações entre os gêneros se materializam na tecnologia e adquirem novos engendramentos pelas características próprias da *Internet* e dos espaços digitais. Jéssica Oliveira (2020, p.31) refere que as violências de gênero *online* andam de mãos dadas com as violências de gênero *offline*, pois ambas possuem características em comum, como o desrespeito, inferiorização e estigmatização do gênero feminino. Portanto, o discurso de ódio misógino é uma forma de violência contra as mulheres que adquiriu novas características ao ser adaptada ao mundo digital.

Portanto, a *Internet*, ao mesmo tempo que é um novo lugar e oportunidade de resistência e protagonismo das mulheres, possibilita e facilita, pela sua própria forma de estruturação, violências contra elas, pois é espaço de reprodução e reafirmação de relações de poder. Através disso, os *sites*, *blogs*, plataformas sociais, comunidades e fóruns passaram a testemunhar e hospedar o desrespeito ao gênero feminino de forma explícita e velada.

Diz-se explícita quando o discurso de ódio atinge de forma flagrante a vítima, tendo em vista a identidade da qual faça parte, e pode ir tanto ao ataque referente às características do grupamento social da qual a vítima faz parte quanto na exposição de dados pessoais e ameaças de morte. Por outro lado, de forma velada e quase despercebida, tem-se os discursos de ódio em forma de humor, uma vez que a hostilização da mulher em tom de piada promove o reforço de estereótipos de gênero e legitima violências contra elas. O grande problema que habita neste ponto é se ele deveria ser visto somente como descontração ou como meio propagador de ideologias e discriminações estruturalmente enraizadas.

A utilização da *Internet* como ferramenta tecnológica importante para a autonomia e empoderamento feminino deve ser exaltado e instigado, visto que enquanto mulheres emergem nas plataformas *online* e assumem posição de atrizes sociais, outras mulheres reconhecem nas suas semelhantes histórias de superação e de protagonismo, lugares esses que antes lhes eram restritos. Romper com essas barreiras impostas é ameaçar a hegemonia patriarcal.

Manuel Castells (1999, p.24), ao se referir sobre o movimento feminista, explica que através dele abandonam-se as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo sobre o qual a sociedade historicamente de estabeleceram. Bem como, os movimentos feministas vêm causando profundo impacto na sociedade como um todo, na vida e conscientização das mulheres, sendo que a sociedade em rede é um desafio ao patriarcalismo, já esse movimento o contesta (Oliveira, 2020, p.36).

Esses locais, então, passaram a testemunhar o protagonismo e voz de mulheres historicamente oprimidas e, então, a questionar a construção de gênero e os papéis sociais instituídos, que colocam as mulheres em situação de marginalidade e coadjuvância na sociedade. Jéssica Oliveira (2020, p.42) ensina sobre as novas tecnologias e o direito das mulheres:

Já no que diz respeito às novas tecnologias, é necessário que o reconhecimento igualitário das mulheres seja implementado como um projeto para o andamento do ambiente tão fluido e repleto de novos conflitos que é a Internet. Reconhecer as mulheres como iguais significa conceder autonomia para que elas venham a coordenar os seus próprios projetos de vida, inclusive a ter autonomia quando se utilizam do espaço virtual para se manifestarem.

Apesar de a *Internet* ser um local que fortalece pessoas e grupos, que dá voz às minorias, aumentando a sensação de segurança, liberdade e influência, trazendo mais bem-estar a estes indivíduos (Castells, 2015, p.39), determinadas posições, discursos e violências são reproduzidas com maior intensidade, pois a própria *Internet* legitima pessoas a ocuparem os mais variados espaços, sendo que essa ocupação pode estar cerceada de más intenções e formas de violência (Oliveira, 2021, p.44). Assim, é possível perceber que esses grupos que promovem discursos odiosos contra as mulheres, o fazem de modo a promover uma inferiorização, um silenciamento e para reforçar os papéis sociais impostos culturalmente.

De fato, uma característica inerente dos discursos de ódio é promover o silenciamento e agravar a divisão entre grupos (dominante *versus* dominado). Oliveira e Silva (2021, p.548) expressam que “No caso das mulheres que são vítimas de discursos odiosos, estas, geralmente, têm o corpo, a existência, a sexualidade, a liberdade e a igualdade negadas quando são atacadas na *Internet*”.

Os grupos que utilizam desse espaço para propagar esse discurso de ódio se valem da *Internet* como lugar facilitador para promoção do discurso odioso, que



inferioriza, ofende diversos direitos de minorias socialmente consideradas. Ainda, esse tipo de discurso assume a roupagem de mera exteriorização de um pensamento, podendo ser confundida com liberdade de expressão, mas não podem ser validades desta maneira em razão do perigo latente de legitimação de violências estruturais.

Portanto, o elemento misoginia nos discursos de ódio é fruto direto da estrutura cultural patriarcal da sociedade e que conforma o uso da *Internet*. Negar a participação feminina e tentar comprovar que as mulheres não podem estar presentes em lugares públicos, tolhendo-as a condição de participantes ativas da democracia e da vida social, é expressão da misoginia enraizada nas estruturas sociais e culturais.

#### **4 ESTUDOS DE CASO: O HUMOR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA**

Atualmente, percebeu-se um crescimento de grupos masculinistas organizados que promovem a inferiorização das mulheres. A machosfera, também denominada como *manosphere*, diz respeito a um movimento crescente que se organiza em torno dos “direitos dos homens” e do anti-feminismo, cuja origem remonta aos anos de 1970 e 1980. Originalmente visava combater o sexismo, mas houve uma ruptura no grupo, da qual surgiu quem abraçou a masculinidade tradicional e promoveu consideráveis discussões a respeito da “misandria” em 1990 até o surgimento do que se entende como *manosphere*. (Vilaça; d’Andréa, 2020, p.414).

Mais recentemente, o movimento adaptou-se à era das redes sociais e das plataformas e assumiu uma versão muito mais dinâmica de propagação de conteúdos, característica dessa tecnologia. Atualmente, dividem-se em grupos com as mais variadas denominações, como Redpill, MGTOW (Men Going Their Own Way), Incels, Alfas, Betas, etc. Muitos homens se destacam nesse meio através da denominação de *coaches*, tornando-se referência para outros homens que compartilham dos mesmos ideais.

Esses grupos, através da disseminação de um conjunto de ideias de depreciação feminina e construção da “masculinidade ideal”, que levam à categorização dos próprios homens entre categorias de virilidade (Alfas) e fragilidade (Betas), lucram nas plataformas, tanto porque vendem seus cursos e livros, mas também porque são monetizados por elas, como por exemplo o

YouTube, TikTok, Facebook e Instagram, nas quais é possível ganhar dinheiro através da visualização e engajamentos em tais vídeos. O Radar Aos Fatos analisou o conteúdo de 80 canais de Youtube e 20 perfis de TikTok masculinistas responsáveis por propagar os mesmos ideais de superioridade masculina e objetificação das mulheres e concluiu que do total analisado, 35 canais do YouTube são monetizados e outros 36 vendem cursos e ebooks (Aos Fatos, 2023).

Esse grupo reforça a ideia a seus seguidores de que o feminismo não é desejável e está associado a algo negativo que corrompe a moral das mulheres, fazendo com que elas tenham comportamentos interpretados por eles como “inadequados”. A eleição deste “inimigo em comum” faz com que haja uma desconstituição dos propósitos dos feminismos e ignorância das causas de seu surgimento, alimentando discórdia entre os homens e mulheres.

É importante ressaltar que o grupo RedPill se dedica enfaticamente à reprodução de ideias patriarcais sobre papéis sexuais de homens *versus* papéis sexuais das mulheres na sociedade e estabelecer estereótipos femininos. Em razão disso, são responsáveis por disseminar diversas ideias misóginas (de ódio às mulheres) na atualidade (Ferrari, 2023).

O nome do grupo faz alusão ao filme Matrix (1999) em que o protagonista deveria escolher entre duas pílulas que representavam caminhos diversos. A pílula azul (*blue pill*) representa um mundo de ilusões e a pílula vermelha (*red pill*) representa o conhecimento do mundo real. Para eles, o “mundo real” é reconhecido como injustamente dominado pelo sexo oposto - as mulheres - e que elas usufruem de diversos privilégios em detrimento dos homens (Barros, 2023).

Outrossim, incentiva comportamentos discriminatórios contra as mulheres e as (des)classifica como interesseiras ou como pessoas que devem se subordinar à vontade do homem e ajudá-lo a prosperar na vida pessoal e profissional e que devem se dispor aos seus desejos sexuais. Ou seja, as mulheres são acessórios da parte principal - o homem.

Esse grupo encontra respaldo na *Internet* para organização, popularização e dissipação de ideias. Os homens que coadunam com estas, veem nesse espaço um lugar para influenciar e serem influenciados, de publicidade, notoriedade e reconhecimento social através de um discurso de masculinidade ideal (Intrieri, 2023). Ao fomentar as estruturas do patriarcado, corrobora-se para as

desigualdades sociais para ignorar ou naturalizar as possíveis consequências deste comportamento e, ainda, para legitimar violências contra as mulheres.

Dois casos recentes vieram à tona, porquanto as mulheres ofendidas diretamente, manifestaram-se e denunciaram os casos de misoginia que sofreram. O primeiro é da Lívia La Gatto e a segunda se refere à Cláudia Campolina.

O caso da atriz e roteirista Lívia La Gatto, conforme se autodenomina segundo seu perfil no Instagram, usa das suas plataformas para divulgar seus conteúdos humorísticos diversos. Em um desses quadros humorísticos postados, que conta apenas com dois vídeos, ela interpreta um personagem homem e através de falas ácidas que imitam o discurso machista e misógino, ironiza o comportamento de homens masculinistas, que se autointitulam parte do grupo RedPill.

Entre as falas do personagem interpretado estão frases e expressões que são comumente relacionadas à depreciação da figura feminina e de ofensa ao feminismo, que representam algumas ideias compartilhadas pelos integrantes e seguidores do grupo RedPill. Como por exemplo: “[...] eu resolvi fazer um curso para ensinar como as mulheres de valor devem fazer para agarrar seus ‘alecrinos dourados’ [...]”<sup>4</sup>, “[...] eu criei o MGTOW (Men Going Their Own Way), homens seguindo seu próprio caminho, rumo à casa da mamãe, movimento onde, basicamente, mulheres são os inimigos, não todas, somente aquelas com problemas emocionais [...]”<sup>5</sup>, “[...] as ‘feminazis’ peludas estão se mordendo com o nosso sucesso [...]”<sup>6</sup>, “[...] não se relacione com mulheres de baixo valor, meus alfas, a mulher de valor não vai estar na balada virando ‘bombeirinho’, muito menos num bloco de carnaval rebolando em cima de uma kombi abandonada [...]”<sup>7</sup> e “[...] porque tem mulher que não sabe fazer um arroz e se orgulha disso, mano, e ainda umas minas 35 mais [...]”<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> LA GATTO, Lívia. **Saiu o curso, molières**. 24 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==](https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

<sup>5</sup> LA GATTO, Lívia. **Saiu o curso, molières**. 24 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==](https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

<sup>6</sup> LA GATTO, Lívia. **Saiu o curso, molières**. 24 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==](https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

<sup>7</sup> LA GATTO, Lívia. **Bora galera, HOMENS. Comprem meu best-seller**. 13 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/Com-caAJYzs/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==](https://www.instagram.com/reel/Com-caAJYzs/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

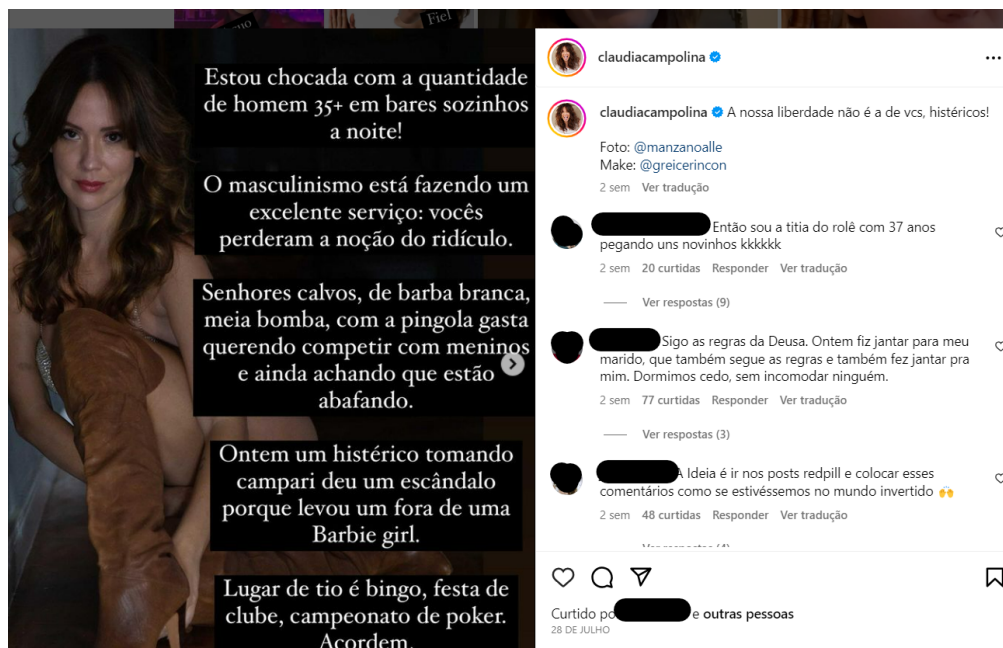
<sup>8</sup> LA GATTO, Lívia. **Bora galera, HOMENS. Comprem meu best-seller**. 13 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em:

No entanto, essas publicações ganharam bastante repercussão pela coragem de ironizar grupos ativamente misóginos nas redes sociais, mas também recebeu ameaças virtuais. Um famoso influenciador RedPill enviou mensagens privadas à atriz com ameaça de morte caso o conteúdo divulgado por ela não fosse retirado da plataforma. Vale ressaltar que nos vídeos feitos, jamais houve a citação de seu nome. Em função disso, a própria humorista explicitou que realizou boletim de ocorrência após receber ameaça de morte do influenciador RedPill e se posicionou fortemente contra as ideias misóginas que vitimizam mulheres expostas pelo grupo, conforme se observa abaixo.



**Figura 1: Postagem da humorista Livia la Gatto denunciando os fatos ocorridos**  
 Fonte: Captura de tela da página de Instagram da humorista feita pela autora

Nessa mesma seara, Cláudia Campolina através de personagens autorais e com roteiro ácido, criou uma websérie no próprio canal do Instagram e no TikTok, que ficou conhecido como “Mundo Invertido”. Nesse quadro, a atriz retrata, através do humor, comportamentos e falas machistas, as mesmas tradicionalmente evocadas pelos homens contra as mulheres, mas dessa vez partem das mulheres e atingem os homens.



**Figura 2: Postagem da humorista Cláudia Campolina invertendo o discurso opressor**  
 Fonte: Captura de tela da página de Instagram da humorista feita pela autora

Nas falas acima retratadas, há a inversão da crítica frequentemente direcionada às mulheres, as quais são criticadas pela idade, aparência física, estereotipização do feminino como loucas e histéricas e atribuição de lugares e tarefas ideais a elas. No entanto, dessa vez, através desse quadro humorístico, os homens são reprimidos e sofrem com esses estigmas. Através dessa dinâmica, tenta-se mostrar as incoerências do machismo cotidiano e despertar uma consciência crítica nos telespectadores, criticando os homens pelas mesmas subjetividades que as mulheres são normalmente criticadas.

A atriz percebeu, então, que o número de comentários misóginos e agressivos aumentou consideravelmente nas postagens desse quadro humorístico. Ela relatou que homens anônimos costumavam se juntar e denunciar em massa o perfil para derrubar a conta, bem como percebeu que grande parte dos comentários recebidos nas postagens eram de ataques, não somente por escrito, mas também de assédio via direct (mensagens privadas do Instagram), fotos de homens nus, homens que ligavam para se exhibir e outros xingamentos pessoais (Germano, 2023).

Através da ironização do *modus operandi* do grupo RedPill e alguns de seus participantes, dentro da websérie mencionada, por exemplo, criou o curso “Mansão do seu macho: guia prático para domesticar seu homem”, cuja protagonista é uma femista PinkPill (Placeres, 2023), criticando os masculinistas que lucram com a venda de cursos para outros homens.

Pode-se perceber que tanto Livia La Gatto e Claudia Campolina possuem conteúdo similar, valendo-se do humor como forma de resistência ao machismo cotidiano, reflexão social e para contestar as organizações de masculinistas e de seus “líderes” que lucram com a disseminação de discursos e modos de agir discriminatórios contra as mulheres.

Apesar da recepção positiva por parte do público, no entanto, esses casos também exemplificam a face negativa do uso das redes, quando passaram a receber ataques dos simpatizantes e seguidores do grupo RedPill. Grupo este que está na contramão das lutas e conquistas femininas como forma de restringir os direitos e desmerecer as conquistas dessa minoria vulnerável.

Os casos ajudam a pensar e concretizar a discussão a respeito do patriarcado, machismo e misoginia dentro e fora da *Internet*. Tornando-se lugar em que podem compartilhar abertamente com essas ideias e também lucrar com a sua perpetuação (Dias; Gomes; Martins, 2023).

Apesar deste grupo valorizar uma figura que nunca esteve desvalorizada (o homem), os casos como exemplificam bem o ódio contra as mulheres e como a sua ascensão nas plataformas sociais e a sua contestação ao poder masculino causam desconforto e são vistas por esse movimento masculinista como passíveis de sofrerem repressão e represálias.

O recurso humor usado pelas feministas torna-se uma forma de resistência à ordem patriarcal dominante. Ao contestar os argumentos do grupo RedPill pretende mostrar a sua fragilidade e sua face preconceituosa em relação às mulheres. No entanto, a emancipação e o protagonismo feminino no mundo digital, ao mesmo tempo que desperta interesse de alguns internautas e resiste ao patriarcalismo, faz com que o ódio misógino passe a ser explícito e seja uma contra-resistência.

Os discursos de ódio que são constantemente direcionados a todas as mulheres por parte desses grupos pretendem demarcar a sua autoridade e reafirmar a sua virilidade e masculinidade. Através desse recurso, prejudicam lutas feministas e exaltam estruturas históricas, sociais e políticas que levam a violências contra as mulheres.

Apesar dos avanços em direitos e conquistas de espaço das mulheres, a *Internet* é um local que expressa a dominação masculina, já que construída sobre as bases patriarcalistas historicamente reforçadas, onde masculinistas tentam reforçar as assimetrias de poder. Através dos discursos de ódio misóginos conseguem

fortalecer um movimento de desprezo à figura feminina, endossar comportamentos discriminatórios e legitimar atos violentos contra as mulheres.

#### 4 CONCLUSÃO

O patriarcado é uma construção histórica que oprime e discrimina mulheres através de violências, de forma que a emancipação feminina é tida como ameaçadora à sua ordem. A misoginia é a expressão violenta da crença da superioridade dos homens em relação às mulheres, justificando a supressão de direitos e revelando manifestações odiosas e misóginas.

A *Internet*, construída sob as bases patriarcalistas, demonstra um espaço favorável aos casos de misoginia, pois refletem a dominação masculina sobre as tecnologias e reafirmam as estruturas de poder assimétricas entre os gêneros. Assim, a inclusão de pautas feministas, contestação da ordem dominante ou protagonismo de mulheres é alvo de represálias por parte de grupos masculinistas, cujo recurso violentador utilizado, são os discursos de ódio misóginos, que estão intrinsecamente ligados à essa dinâmica de resistência à participação pública de minorias.

Exemplificou-se essa dinâmica com o caso das humoristas Livia La Gatto e Cláudia Campolina, que ao usarem de suas redes sociais particulares para criar conteúdo que ironiza e problematiza o pensamento do grupo RedPill, que possui ideais de superioridade masculina e reprodução da opressão feminina, sofreram ataques misóginos.

Por isso, os discursos de ódio misóginos promovidos por masculinistas na *Internet* escancaram a *Internet* enquanto construto masculino que reflete a intolerância com a emancipação e protagonismo feminista. A partir da construção histórica desse espaço como essencialmente patriarcal e a consolidação de um monopólio masculino do seu uso, mulheres dissidentes se tornam alvos de grupos masculinistas que, através de discursos de ódio misóginos, tentam suprimir a participação feminina em espaços públicos conformar a *Internet* como sinônimo de dominação e poder masculino.

## BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 13-56, dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430013>. Acesso em: 06 jun. 2023.

AZEVEDO, Mauri de Castro; LIMA, Marcus Antônio Assis. Fake news e pós-verdade na construção do Neoconservadorismo no Brasil pós-2013 e os efeitos nas eleições de 2018. **Letrônica**, v. 13, n. 2, p. e35546, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.2.35546>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. A “guerra” contra o gênero: reações às últimas décadas de políticas de promoção da igualdade de gênero no Brasil. **Cadernos Pagu**, v.51, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/rTdbt8V4pXtjL3kyjtjsSdK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação** / Manuel Castells; tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DESIDERI, Leonardo. Bolsonaro quer lei contra ideologia de gênero. E não é o único. Veja como está a batalha no Congresso. **Gazeta do Povo**, 17 mai. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ideologia-de-genero-lei-bolsonaro-congresso/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

DIADORIM. ‘Ideologia de gênero’: como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+... Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. **Carta Capital**, 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, 3: 81-85, 1980. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-81-85.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 ago. 2023

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1. edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

GERMANO, Camilla. Ataques misóginos nas redes sociais: o que as vítimas podem fazer. **Correio Braziliense**, 25 fev. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/02/5076088-ataques-misoginos-na-s-redes-sociais-o-que-as-vitimas-podem-fazer.html>. Acesso em: 17 ago. 2023.



LA GATTO, Lívia. **Bora galera, HOMENS. Compre meu best-seller.** Instagram: @livialagatto. 13 fev. 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/Com-caAJYzs/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/Com-caAJYzs/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

LA GATTO, Lívia. **Saiu o curso, moliéres.** 24 fev. 2023. Instagram: @livialagatto. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/CpDZayuMatx/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em: 23 ago. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura;** tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

LIMBERGER, Têmis. Estado, administração, novas tecnologias e direitos humanos: como compatibilizá-los? In: STRECK, Lenio Luiz; ROCHA, Leonel Severo; ENGELMANN, Wilson (Org.). **Constituição, sistemas sociais e hermenêutica.** 9. Ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012.

MATOS, Marlise. **A Quarta onda feminista e o Campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil:** entre a destradicionalização social e o neoconservadorismo político. 38º Encontro Anual da ANPOCS, 2014. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/38-encontro-anual-da-anpocs/mr-1/mr20/9339-a-quarta-onda-feminista-e-o-campo-critico-emancipatorio-das-diferencas-no-brasil-entre-a-destradicionalizacao-social-e-o-neoconservadorismo-politico/file>. Acesso em: 07 jun. 2023.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-748, dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em: 09 jun. 2023.

OLIVEIRA, Jéssica Freitas de. **Discurso de ódio misógino no blog “Escreva Lola escreva”:** o tratamento jurídico do tema à luz da criminologia feminista. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

OLIVEIRA, Jéssica Freitas de; SILVA, Rosane Leal da. As lições da justiça global para o enfrentamento dos discursos de ódio contra as mulheres na Internet. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho - PR, n. 35, p. 533-562, dez. 2021. ISSN 2317-3882. Disponível em: <http://www.seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/1946>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PARISER, E. **The Filter Bubble:** What the Internet is Hiding from You. New York: Penguin Group, 2011.

PLACERES, Isabella. Ataques machistas, red pill e violência pelas redes: Claudia Campolina rebate tudo com humor. **Revista Ana Maria**, 06 abr. 2023. Disponível em: <https://revistaanamaria.com.br/noticias/comportamento/ataques-machistas-red-pill-e-violencia-pelas-redes-claudia-campolina-rebate-tudo-com-humor.phtml>. Acesso em: 17 ago. 2023.

QUADRADO, J. C., FERREIRA, E. da S.. (2020). Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis**, 23(3), 419–428. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p419>. Acesso em: 09 jun. 2023.

SAFERNET. **Crimes de ódio têm crescimento de até 650% no primeiro semestre de 2022**, 2022. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/crimes-de-odiotem-crescimento-de-ate-650-no-pri-meiro-semester-de-2022#mobile>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SAFERNET. **Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil na Internet têm crescimento em 2022**, 2022. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-crimes-de-discurso-de-odio-e-de-im-agens-de-abuso-sexual-infantil-na-internet#mobile>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SAFERNET. **Safernet aponta que discurso de ódio cresceu nas duas últimas eleições**, 2022. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/safernet-aponta-que-discurso-de-odio-cresceu-na-s-duas-ultimas-eleicoes#mobile>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2015

SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Jul./dez. 1995. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/71721/40667/297572>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehmann; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, Dez. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322011000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322011000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 jun. 2023.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro sobre ideologia de gênero nas escolas: "Não admitimos". **Correio Braziliense**, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/03/4997042-bolsonaro-sobre-ide-ologia-de-genero-nas-escolas-nao-admitimos.html>. Acesso em: 09 ago. 2023.

SPONHOLZ, Liriam. O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da extrema direita: Um aporte teórico. **Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 22, n. 3, p. 220-243, 2 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/47124>. Acesso em: 24 jun. 2023

VELOSO, Renato. **Tecnologias da informação e comunicação**: desafios e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2011.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27703/15230](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230). Acesso em: 09 ago. 2023.

WAJCMAN, Judy. **El Tecnofeminismo**. Tradução de Magali Martínez Solimán. 1. ed., Madrid, Ediciones Cátedra (Grupo Anaya), 2006.